




<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index>
ISSN: 2359-1870

PRÁTICAS EDUCATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA¹

Mariéli Aparecida Camargo²

Mariéli Aparecida Camargo

Secretaria de Estado da Educação,
Florianópolis, SC, Brasil.
<laracamargo1981@hotmail.com>

 <https://orcid.org/0000-0002-3802-7474>

Recebido em: 20/10/2019
Aprovado em: 30/05/2020

¹ Artigo apresentado na seção *Mesa Redonda – Temáticas inovadoras na Educação Geográfica*, do “Seminário de Licenciatura em Geografia: abordagens múltiplas – SELIGeo”, realizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, campus Florianópolis, SC, de 5 a 7 de nov. de 2019.

² Graduada em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora de Geografia da rede estadual de educação de Santa Catarina.

Introdução

Ao graduando o processo de ensino aprendizagem parece, após certo tempo de academia algo natural e de certa forma, fácil de ser realizado, desde que seguidos procedimentos pedagógicos pré-estabelecidos. Porém, a experiência prática de lecionar, principalmente em escolas públicas, com públicos infantis inseridos na realidade brasileira de ampla desigualdade social, sujeitos a diversas influências culturais e muitas vezes vítimas de coisas que alguns de nós acreditamos ser temas de jornais ou novelas, é em grande parte diferente do simplismo como às vezes os processos de ensino são tratados na academia. A realidade nos impõe a necessidade de dialogar, transitar e buscar soluções que vão muito além do simples ensino de matérias descritas num livro didático, nos exige o desenvolvimento de competências multidisciplinares, uma capacidade automotivadora e muito controle psicológico sobre nós mesmas(os).

Educar, mesmo em se tratando de educação formal, é um processo que exige muito mais que o domínio da geografia, física, história, etc. É necessário saber lidar com problemas cotidianos que impactam, positiva ou negativamente na capacidade de aprendizado dos alunos e até mesmo, em algumas situações, que podem incorrer em risco a própria vida deles.

1 Procedimentos Metodológicos

O trabalho que se segue abaixo parte da observação e descrição das experiências práticas em sala de aula de uma professora admitida em caráter temporário (ACT), em escolas públicas da região metropolitana de Florianópolis, Santa Catarina. Busca-se confrontar e encontrar explicações acadêmicas que se assimilem com tais experiências, tentando assim, racionalizar o mundo caótico e muitas vezes aparentemente irracional que é o dia a dia dos professores. A partir das descrições abaixo, a análise de estudos relacionados será utilizada para buscar soluções e um maior entendimento dos dilemas, para tentar permitir que se desenvolvam métodos que possam ampliar a transmissão de conhecimento.

2 Lecionando na Prática

O início da licenciatura é uma mistura de sentimentos, pois o tempo de estágio não é o suficiente para contemplar tanto o contato com todas as dinâmicas e vivências da escola e principalmente por não ter experiência o suficiente para saber lidar com certos conflitos, medos, discussões e apreensões-inquietudes dentro da sala de aula. Nesta perspectiva a formação de inúmeras pessoas está em nossas mãos.

Ser responsável pela formação de pessoas é assumir com honestidade de propósitos aquilo que se pratica. Portanto, se formo para o bem, a crítica e a responsabilidade irão nessa direção. Criticar é ser capaz de escolher o que se aceita e o que se rejeita. Se, em vez de formar, eu oculto a realidade, ou finjo que não é como é, o máximo que consigo formar é

uma pessoa alienada. O discurso apocalíptico é o discurso da desistência. O pessimista é alguém derrotado antes que o combate comece (CORTELLA, 2015, p. 22).

Em diversas vezes ou na maioria delas não se tem suporte, não se tem uma assistência com que possa contar como apoio, deste modo, grande parte dos problemas identificados ficam com o professor e a angustia dele em não poder solucionar certas questões vividas no ambiente escolar. Neste momento as políticas públicas que poderiam dar suporte aos professores em sala inexistem e quando um parlamentar resolve olhar para este conjunto de pessoas, o projeto logo é vetado. Foi o que ocorreu recentemente com uma proposta de colocar psicólogos e psicopedagogos nas escolas públicas.

Na licenciatura e, principalmente em geografia, o conteúdo vai além das questões físicas como relevo, hidrografia e vegetação. Nessa disciplina estudamos também o meio social, político e econômico e as relações perpassam pelas aulas e conteúdos.

No ambiente escolar cada aluno é um ser singular e as relações políticas e sociais são vivenciadas o tempo todo, como se clamassem por socorro em situações que a família não consegue ou não quer enxergar devido a inúmeros fatores. Diante de toda esta situação, o professor vê a necessidade de parar a sua aula para uma conversa, um diálogo, um abraço ou mesmo um olhar diferenciado, para que o aluno se sinta seguro neste ambiente e queira voltar, pois ali ele está sendo ouvido e não somente cobrado e criticado.

Neste contexto o ser professor vai além da sala de aula e ao contrário do que dizia o geógrafo Lacoste (1988), “Que a geografia serve também para fazer a guerra”, a geografia serve também para fazer a paz, para que o ser humano se encontre nesta sociedade e saiba onde realmente é o seu lugar dentro de um contexto tão desigual e cheio de injustiças, mas que ele consiga enxergar através da escola e das relações sociais o significado para seguir em frente e enfrentar os dilemas e problemas que irá encontrar ao longo do caminho.

Ao longo da minha vida acadêmica fui fazendo ligações entre minhas próprias vivências passadas e o que estava aprendendo na faculdade, certas questões inclusive que eram trazidas nas aulas pelos professores, parecia ser uma descrição de parte de minha vida, e de certa forma eram, contudo, essa experiência durante a graduação me levou a ter um olhar diferenciado dentro da sala de aula, ter a consciência que cada aluno vem para a escola com uma bagagem, uma história que não conhecemos e que muitas vezes tornam o aprendizado um desafio.

A memória pode ser traduzida como recordação de algum fato do passado que pode vir à tona no pensamento de cada um no momento presente, e até uma habilidade de guardar conteúdos ou informações de algum fato vivido no passado. Nesse sentido, estudar as lembranças das pessoas nos permite aprofundar em conteúdos que fazem parte das nossas vidas, sejam lembranças vividas na família, na escola, entre amigos ou em grupos de trabalho. Lembrar-se de um fato ocorrido é reflexo de nossas experiências e relações interpessoais (SANTOS, 2013, p. 17).

Desta forma, dentro de todo o conteúdo trabalhado em sala procuro fazer ligações com o cotidiano dos alunos e principalmente o que está ocorrendo no nosso país e no mundo, em vários aspectos, tanto econômico, político, os desastres ambientais provocados

pelo ser humano ou não, problemas sociais tudo que os afetem ou que no futuro poderá prejudica-los, deixando cientes do papel importante que irão ter na sociedade e que o futuro depende da ação de cada um. Para tanto atualmente faz necessário reconsiderar certos meios de como a educação nacional está sendo direcionada. De acordo com Santos (2013, p. 15):

Fica evidente que há uma necessidade de revisão do sistema educacional brasileiro, e que o aumento de renda familiar e o crescimento econômico, dependem da educação para o desenvolvimento do país. O sistema educacional brasileiro precisa ser repensado, de maneira que esse ciclo de exclusão social não se repita e que a educação universal seja para todos, e que seja de qualidade.

Diante de muitas situações o professor fica sem reação e até perde o sono, mas com tempo e experiência, aprendemos a lidar melhor com estes problemas (não nos acostumamos, pois, cada caso é diferente) e tentar contornar da melhor forma possível. Os desafios em cada escola são ímpares, porém, na minha experiência, as ocorrências de maior gravidade são em escolas inseridas em regiões mais afetadas pela desigualdade social. Ainda que muitos dos problemas não sejam exclusividade de famílias de baixa renda, é neste extrato social onde muitos destes problemas tomam uma dimensão maior, seja por falta de conhecimento da família ou por falta de atenção social ou psicológica às crianças.

A minha primeira experiência foi quando resolvi fazer uma aula prática com o sexto ano no pátio da escola, pois acredito que se aprende melhor quando se percebe que aquilo que estuda é parte real de sua vida e que é na prática que se compreendem melhor as relações entre o meio e o homem, os processos de construção e destruição dos espaços, de apropriação dos lugares e de qual é nosso papel diante da realidade vivenciada. Lembrando que é através da história que aprendemos a não repetir os mesmos erros cometidos no passado. Nesta aula prática, durante a explicação, dois alunos discutiram e um jogou uma pedra no outro, atingindo a ponta da orelha do colega, neste momento a aula planejada se derogou, pois você deixa vinte e oito alunos no pátio esperando para atender dois, um com a orelha sangrando e o outro para levar para a direção, no entanto, a aula não deixou de ser sobre geografia. Fomos para a sala falar sobre relações sociais, ou seja, as relações que temos com os outros, sobre respeito com os colegas e professores e que aprender a viver em sociedade não é fácil, mas é indispensável, pois todos devem entender que o seu espaço acaba no momento que inicia o do outro e para isso, a educação é primordial.

Minha próxima experiência foi também num sexto ano, eu estava grávida de quatro meses e estava explicando a matéria e andando pela sala, quando observei um menino que era muito tímido, não falava com quase ninguém, mas nunca foi mal-educado em sala e sentava na primeira carteira. O menino estava com um risco vermelho no pulso, andei em direção a carteira dele já com as minhas pernas trêmulas, parecia o risco de uma caneta, quando cheguei perto vi que não era de caneta, era corte mesmo, no primeiro momento quase desmaiando pedi para a líder da turma levar o menino na direção, pois eu não iria conseguir descer as escadas, mas eu queria saber como ele se cortou, pois não tinha nada na mesa, nem na mochila para ele se cortar, até que eu olhei o estojo do menino e encontrei a lâmina do apontador, era com esta lâmina que ele se cortou. Na escola, entre alguns alunos,

estava ocorrendo o jogo da baleia azul, porém, conversando com a direção descobri que não era somente o jogo que levou o menino a se cortar, mas também o *bullying* que estava sofrendo na escola e a violência doméstica. Soube que a direção já havia chamado os pais para conversar, mas não obteve resultado e então acionaram o conselho tutelar, entretanto, de acordo com a direção também não adianta, pois são muitas denúncias e poucas pessoas trabalhando.

Nesta mesma turma tinha um aluno de 17 anos que toda aula chegava atrasado, entrava sem pedir licença e quando entrava na sala se tivesse materiais na minha mesa ele pegava e jogava, não prestava atenção e conversava o tempo todo. De acordo com a direção era filho de um traficante que residia próxima à escola, que eu deveria ter paciência, pois estava grávida e chegava à escola de carro, então a direção temia por minha segurança.

A cada ano, nova escola, novas perspectivas e novas experiências, pois toda prática é transitiva. De acordo com Freire (2014, p. 15):

Uma prática não cabe dentro dela mesma, é uma prática que implica sujeitos que são educador e os educandos, que implica métodos e técnicas com que se trata o objeto que implica também e sobretudo um amanhã- a que esta prática pretende chegar. E esse amanhã não é um amanhã inexorável porque ele é problemático. Nesse amanhã estão postos os valores, estão postos os sonhos do educador, da educadora e dos que pensam a prática educativa de outra maneira.

Neste contexto, cada prática educativa, assim como cada escola, não cabe uma dentro da outra. As experiências vividas em cada escola são únicas e nós educadores não contribuimos somente para o aprimoramento do conhecimento, mas também com um ombro amigo na falta de uma pessoa confiável, já que algumas vezes o aluno não tem alguém com quem exprimir seus sentimentos e angústias. De acordo com Martins (2014, p. 73):

Os professores têm muitos desafios a enfrentar para dar conta de um ensino que não priorize a simples reprodução do conhecimento, mas que contribua para o aperfeiçoamento do ser humano e no desenvolvimento da sociedade, e favoreça a intervenção no processo de transformação social e o avanço no processo de inclusão e de minimização dos efeitos da pobreza, da submissão e da opressão. Isso pressupõe que se faça uma opção no pensar e agir no espaço educativo na busca de projeto político pedagógico que tenha identidade com as classes menos privilegiadas da sociedade. É preciso destacar que nenhum programa de formação consegue dar conta de promover a melhoria da qualidade do ensino sem o desenvolvimento dos professores e o compromisso de repensar suas práticas.

Certas ocorrências nas escolas, principalmente quando frequentes, demandam um olhar singular e análise mais criteriosa das possíveis causas. Tive uma aluna num sétimo ano que era muito agressiva, principalmente com os meninos. Qualquer coisa que falassem para ela ou para o irmão, que estudava no sexto ano, era motivo de briga, e como ela era fisicamente grande e forte, tinha força para bater e machucar e nos estudos era ociosa, contudo, em sala de aula ela era muito pacata com os professores. Observei ela por algumas semanas, o comportamento, o que gostava fazer, lembro que qualquer alimento que oferecessem ela comia. Outra característica é que mesmo com muito calor, ela não tirava o moletom, até que um dia ela dobrou as mangas do moletom e foi pedir alguma coisa para

mim na hora do intervalo e observei que os braços estavam todos cortados, já cicatrizando. Conversei com ela, e aos poucos ela se dispôs a fazer as atividades da minha disciplina. Os professores não entendiam por qual motivo a menina estava fazendo as atividades de geografia e nas outras não e a chamavam de preguiçosa. Certo dia uma colega dela me entregou uma carta e disse: Professora não é minha, porém a pessoa disse que você sabe de quem é. Quando cheguei em casa e iniciei a leitura, fiquei abalada, sem chão, não sabia qual atitude tomar naquela situação.

A menina relatou na carta, sem se identificar, como ela havia sido violentada, com todos os detalhes, quem foi o abusador, qual foi o lugar, com quantos anos isso ocorreu, o que ela estava vestida, depois de quanto tempo ela contou para a mãe, como ela estava se sentido naquele momento. Ela dizia que não conseguia fechar os olhos e não lembrar de tudo o que aconteceu naquele dia e por este motivo ela tinha tanta raiva dos meninos que implicavam com ela. Neste dia fiquei consternada, não consegui dormir, chorei a noite toda, não sabia o que dizer para aquela menina de treze anos. Conversei com algumas pessoas na escola, com o pessoal da direção e a resposta que obtive foi vamos chamar a família o problema não é nosso e sim da família. Entretanto a família sabia da situação da menina e não fez nada a respeito, por isso ela veio pedir ajuda para uma professora. Às vezes é na escola que eles se sentem acolhidos, amados, ouvidos ou protegidos, então fiquei muito desapontada com a situação e o descaso da escola. Quando cheguei à sala de aula ela me olhou fixamente e perguntou: Leu a carta professora? Eu, com um nó na garganta, disse que sim e ela questionou: E o que você tem para me dizer? Fui conversar com a menina em particular e ela relatou que ninguém a entende, que acham que todas as atitudes dela são desculpa para não estudar e chamar a atenção, e que ela não sabia lidar com os sentimentos de fúria que sentia. Na conversa tentei levantar a autoestima e me dispus a conversar sempre que ela estivesse com vontade e a ajudá-la dentro do que fosse possível.

Depois de um mês a mãe compareceu a escola para pegar o boletim, na conversa, comigo e mais uma professora, tentamos argumentar com a mãe sobre os motivos das notas ruins da menina, porém ela não nos deu ouvidos, mais tarde observamos a menina chorando em um canto da escola, fomos perguntar para a mãe, ela nos disse que era frescura. Neste momento constatei o motivo da menina pedir ajuda para mim, diante da negligência da mãe e da instituição escolar. No conselho de classe tentei expor a situação meio por alto, sem êxito, tanto os professores quanto escola foram omissos dizendo que não era problema da instituição e que eles não poderiam fazer nada. Não conquistaremos uma escola mais humana, igualitária, que acolhe os diferentes e aprende com eles, se não formos sociáveis a eles. De acordo com Mantoan [entre 1990-2010, s./p.]:

A escola, para a maioria das crianças brasileiras, é o único espaço de acesso aos conhecimentos universais e sistematizados, ou seja, é o lugar que vai lhe proporcionar condições de se desenvolver e de se tornar um cidadão, alguém com identidade social e cultural.

Melhorar as condições da escola é formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras. Não podemos nos

contradizer nem mesmo contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos de pagar seja bem alto, pois nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada (MANTOAN, 2000, p. 6).

Para Mantoan (2000), a escola é o lugar para preparar para o futuro e, seguramente, neste lugar de convívio entre pessoas de diferentes idades, diferentes culturas e modos de vida, que se faz necessário não somente a qualidade da educação, mas também a efetivação do que é uma escola igualitária, afável, justa, não somente para alguns, mas para todos que ali estudam, transformando cada sonho possível, considerando que a escola é da sociedade, de suas famílias que ali residem. E o processo de construção do conhecimento é aprimorado na escola, pois o:

Desenvolvimento é o processo através do qual o indivíduo constrói ativamente, nas relações que, estabelece com o ambiente físico e social, suas características. Ao contrário de outras espécies, as características humanas não são biologicamente herdadas, mas historicamente formadas. De geração em geração, o grau de desenvolvimento alcançado por uma sociedade vai sendo acumulado e transmitido, indo influir, já desde o nascimento, na percepção que o indivíduo vai construindo sobre a realidade, inclusive no que se refere às explicações dos eventos e fenômenos do mundo natural
[...] A formação dessas habilidades se dá ao longo da interação do indivíduo com o mundo social. Ele deve dominar o uso de um número cada vez maior de objetos e aprender a agir em situações cada vez mais complexas, buscando identificar os significados desses objetos e situações (DAVIS e OLIVEIRA, 1994, p. 19).

Neste lugar que as crianças iniciam sua convivência em sociedade e é onde devem aprender a respeitar o diferente. Por vezes os alunos não gostam muito de mudanças inesperadas. Lembro que após a licença maternidade, entrei em uma escola em abril e no primeiro dia vários alunos falavam pelos corredores que não queriam a nova professora, que iriam fazer uma mobilização para que o professor anterior continuasse na escola. Como diz Paulo Freire (2014, p. 14), “[...] a educação não é neutra, ela é um ato político”.

E, após as explicações sobre a minha permanência na escola, sobre a ausência do outro professor e com o passar do tempo, a maioria dos alunos se habituaram, porém, uma menina do sexto ano, que tinha reputação de barraqueira, falava muito alto, estava sempre na defensiva e expressava que não gostava de mim e não iria fazer nada relacionada à minha disciplina. No primeiro momento não dei muita importância, mas toda vez que entrava na sala, eu buscava deixar claro a consideração e o valor que tinha por eles e mesmo ela deixando de fazer as atividades, deixava ela responsável para ajudar alguns que tinham mais dificuldades. Assim, aos poucos a menina se acalmou e não apenas passou fazer todas as atividades na minha aula como era uma das melhores alunas da turma, além de me entregava cartinhas dizendo o quanto ela gostava da aula e da professora. As vezes nos confundimos entre o ser humano e o profissional educador, não tem como não confundir.

Na dinâmica da educação os educadores são bombardeados por inúmeras indagações no processo de ensino as escolas as secretarias de educação querem resultados, números, que nem sempre é possível, principalmente quando as causas vão além dos muros da escola. Os motivos são os mais diversos e no processo de ensino do educando é preciso

levar em consideração vários pontos importantes que podem levar a turma ou parte dela a decair no ensino. Ainda assim, jogar a culpa somente no professor se tornou algo banal. O processo de ensino teve muitas mudanças, com o avanço da tecnologia em sala, as dinâmicas mudaram, e aos poucos parece que o professor se tornou acessório, tanto no quesito da classe, quanto no ambiente escolar. Para tanto as políticas públicas, os currículos estão em constantes mudanças. Não somente avaliamos nossos estudantes, como também somos avaliados das mais diferentes formas:

Os resultados obtidos pelo sistema de avaliação têm repercussões em vários níveis: sobre a distribuição e uso dos recursos financeiros; sobre a composição curricular; sobre o gerenciamento do sistema e sobre o controle docente. Usando os jargões da avaliação punitiva, o professor “foi e é posto à prova” como quem “fica de recuperação” em função de sua suposta inaptidão para ensinar; como se tivesse cometido erros, “vai de castigo” para refletir sobre a sua prática, “pensar no que fez” ou deveria fazer (SHIROMA *et al.*, 2017, p. 25).

Em um dado momento, no conselho de classe final de uma escola os docentes se reuniram para decidir o futuro de alguns discentes que por vários motivos estavam com notas ruins. Lembro que foram discutidos aluno por aluno, tudo isso com anotações em ata, este momento de ponderação com coletivo é absoluto nestas questões.

A reflexão coletiva na escola ajuda a mudar as práticas já constituídas e consolidadas, ajuda a dar mais vida ao espaço e as rotinas escolares na medida em que pode desencadear ações dos sujeitos mais voltadas as necessidades demandadas (CAVALCANTI, 2012, p. 88).

Entretanto no próximo ano que resolvi fazer uma visita na escola encontrei os alunos que, supostamente eram para estar no sexto ano, visto que não foi possível passa-los de ano, e estavam no sétimo ano, como estes alunos estão nesta turma se os professores em reunião decidiram o contrário? Quais foram as pessoas que burlaram a decisão de um corpo docente?

Diante do que presenciei, inferi que não estamos na escola para ensinar a sociedade a ser crítica, com princípios humanistas, com ideias inovadoras, que transforme a sociedade sem destruir o ambiente e aprenda a conviver com as transformações presentes. Estamos nestes espaços formando trabalhadores domados para o mercado capitalista, para suprir os interesses da demanda por mão de obra barata, sem capacidade de questionar realmente qual seu papel social e como o sistema realmente funciona. Como relata Shiroma *et al.* (2017) com a atual estrutura política em relação à educação e a outros direitos sociais, estamos vivenciando uma catástrofe de largas extensões, ocorrendo de forma harmoniosa entre os interesses privados do capital com o auxílio do poder público, admitindo que:

[...] a política educacional brasileira, articula-se organicamente à produção do trabalhador requerido pelo mercado e, por conseguinte, de um professor reconvertido que possa fazer frente à produção de força de trabalho, majoritariamente destinada ao trabalho simples, de baixo custo e atrativa para os investimentos externos no país. Devemos reconhecer, ademais, que o projeto para a escola pública, hoje globalizado, deriva de um projeto educativo da *worldclass*

education lastreado em uma concepção de mundo burguesa (SHIROMA *et al.*, 2017, p. 23).

Ainda assim, diante de tantas contrariedades dentro desses espaços, sempre se dispõe de determinação para pensar e repensar uma educação transcendente no futuro, no entanto, no momento:

O retrato da educação no Brasil é marcado pelas diferenças sociais e negligência do Estado. A educação é um dos principais pilares da formação da sociedade. Sendo assim, penso que o que está faltando é o devido reconhecimento e valorização dos profissionais que atuam nessa área. O Brasil em sua história tem uma dívida enorme com a educação que deve ser reparada e reorganizada (SANTOS, 2013, p. 15).

Neste contexto de ser o pilar na formação da sociedade, a educação se tornou responsável pelo revés do país, em todos os setores, porém revés este que nunca ocorre verdadeiramente, pois o que a escola forma são pessoas doentes, numa concepção social de liberdade, pois ninguém sai da escola, ao menos da pública, ciente daquilo que realmente deveria estar: qual seu papel no mundo, porque tudo está posto da forma que está e o que é necessário fazer para modificar tais estruturas. Nossas crianças entram quase bebês nas escolas e saem quase adultos, mas com mentes muitas vezes infantilizadas, crendo nas falsas benesses que o mundo pode lhes dar se trabalharem muito, além de boa parte desses jovens saírem descrentes da educação, porque se estão cientes de algo, é de que a educação que receberam, pouco contribuirá para realmente modificar suas realidades.

Em uma turma do ensino médio, fazendo relações com a globalização, nossas mercadorias e o mercado de trabalho, perguntei para a turma quem iria fazer o vestibular, poucos levantaram a mão e isso me assustou, pois na minha concepção, grande parte dos alunos do ensino médio deveriam estar pensando em qual profissão irão exercer e qual faculdade querem cursar, porém um aluno questionou: Professora, para que vou prestar vestibular se o que ganho hoje trabalhando no supermercado x está muito bom e se duvidar ainda ganho o mesmo valor que a professora?

A ideia inicial assusta, pois nos mostra a grande falta de perspectiva profissional de muitos desses estudantes, a falta de desejo de usar o conhecimento formal/técnico para mudar de patamar social, porém, num segundo momento, vejo que também nós, professores estamos em parte programados pela lógica burguesa da formação meramente para o trabalho. Meu questionamento inicial não está errado, mas incompleto, pois hoje vejo também que o descrédito desse estudante não é apenas com relação ao posicionamento dele no mercado de trabalho ou à sua capacitação como vendedor de força de trabalho, mas também há um descrédito deste e de tantos outros estudantes sobre a importância de adquirir conhecimento, é a perversa lógica de só estudar, ou fazer qualquer coisa, se eu puder transformar isso em moeda, em dinheiro.

A história acima gera um novo questionamento: o quanto nós professores também estamos inseridos e programados a vermos o ensino como mero criador de mão de obra? O quanto nós mesmos vemos o conhecimento como um bem em si, para a vida e para a

sociedade, e não como mera mercadoria que nos permitirá tirar proveito financeiro amanhã ou depois? Até que ponto incutimos essa ideia na cabeça dos alunos mesmo quando pensamos estar dando aulas críticas? Assim também me questiono qual é realmente a função da educação propagada por nós formadores ou até mesmo por todas as políticas e currículos feitos para a educação, ao ponto dos estudantes não se importarem qual o conhecimento adquirido hoje ou mesmo durante o ano dentro na escola? O esperado pelos pais e pelos estudantes é apenas o passar de ano, que no próximo ano se esteja em outra série (ano), que se obtenha um diploma no final de um ciclo e não o conhecimento?

Em outra turma do ensino médio, no momento da avaliação, um aluno indagou: Professora não vou fazer a avaliação, não preciso, não é necessário fazer as avaliações, pois, vou passar da mesma forma. Eu prontamente respondi: Posso te passar de ano sem problemas, te dar notas é fácil, mas quero saber quando você for em uma entrevista de emprego e a pessoa que estiver fazendo a entrevista pedir para você escrever uma redação sobre os movimentos exógenos que modificam o relevo, ou para você fazer uma conta de multiplicação com chaves, colchetes e parenteses, será que você irá saber? Neste momento eu estava afirmando para esse aluno que a educação e o ensino formal servem apenas para prepará-lo para o mercado de trabalho, para vender sua mão de obra.

A resposta para este último questionamento exige que compreendamos o contexto social e os papéis da educação. Para que a educação sirva às pessoas, estando elas inseridas no mundo capitalista, é necessário que essa educação também lhes sirva para que possam alcançar os meios para viver. O erro não está quando a professora faz uma analogia entre a importância de estudar e encontrar um emprego ou quando se assusta pelos alunos não quererem cursar uma faculdade, mas sim quando apenas isso é repetido como mantra em sala de aula. Porque a repetição exaustiva dessas colocações nos momentos escolares, sem que também seja dito aos estudantes quais os outros papéis da educação para suas vidas, colabora para que eles vejam a educação apenas como ferramental para o trabalho e nada mais. É necessário encontrar o meio termo para demonstrar os diversos papéis da educação e a importância de todo o prisma educacional na vida deles. É com esse prisma, ferramenta do educador, que podemos ajudar os estudantes, como alguns citados no início deste trabalho, a superarem problemas que vão muito além de relações meramente materialistas ou de troca. É dando toda a amplitude possível que a educação deve ter que podemos formar pessoas, e não máquinas produtoras de alguma coisa.

Considerações Finais

A teoria nem sempre está descolada da realidade, pelo contrário, quase sempre ela é a busca para se sistematizar a realidade e permitir que mais pessoas tenham conhecimento e busquem solucionar problemas práticos, entretanto, a teoria é como um mapa para um navegador, ela mostra como ir de um ponto ao outro, mas não fala sobre as tempestades que este encontrará no caminho. Da mesma forma, seria impossível manter uma boa prática sem o conhecimento genérico e organizado proporcionado pela teoria.

Quando falamos do ensino público brasileiro, da realidade socioeconômica da população e dos diversos problemas de ordem social presentes na sociedade, temos de ter em mente que esses problemas, aparentemente de adultos, são monstros que assombram muitas crianças, e que sem considerar tudo isso, ou buscar confronta-los, jamais faremos um ensino realmente de qualidade, agregador e libertador.

No entanto, como em tudo no mundo capitalista, a escola brasileira, sobretudo a pública, que tanto carece de recursos de toda ordem, possui limites estruturais que, de forma geral, impedem a existência de uma equidade dentro das escolas, e some a isso o fato de já não temos uma conjuntura justa do lado de fora da escola, ela acaba se tornando uma repetidora da não solução dos problemas da sociedade.

A escola pública dará certo desde que haja condições para o professor trabalhar, e que se entendam tais condições como algo muito além de um material didático colorido e mesas e cadeiras. Escolas sem estruturas psicológicas, pedagógicas e com capacidade de acompanhamento efetivo das vidas de seus alunos nunca possuirão também a capacidade de educá-los e transmitir o conhecimento necessário à formação social que realmente é devida. Nem mesmo os mais aplicados professores e professoras serão capazes de quebrar barreiras que não são humanas e sim estruturais, sem que se crie uma antiestrutura forte e capaz de servir ao seu propósito de servir a toda a comunidade na qual a escola está inserida.

Diante dos dilemas relatados, os professores precisam, no mínimo, de um suporte mais amplo aos alunos e a si próprios, para trabalhar de maneira harmoniosa, sem ter de fechar os olhos a tudo o que ocorre dentro das escolas, para que possam trabalhar cada impasse sem adoecer ou acabar desistindo, mesmo que tal desistência seja meramente psicológica. O educador é um ser social como os demais, com suas virtudes e defeitos, problemas e realizações, e por isso, também sofre desgaste e frustrações com estas situações, que prejudicam tanto suas vidas pessoais quanto seu desempenho na sala de aula, comprometendo assim, inclusive, o papel de formadores de uma sociedade melhor.

Referências Bibliográficas

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O Ensino de geografia na escola**. Campinas: Papyrus, 2012. 208 p.

CORTELLA, Mario Sérgio. **Educação, Convivência e Ética** - audácia e esperança! 2015. 118 p. Disponível em:
http://www.cortezeditora.com.br/newsite/primeiraspaginas/educa%C3%A7%C3%A3o_convivencia.pdf. Acesso em: 4 de nov. 2019.

DAVIS, Claudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes R. de. **Psicologia na Educação**: 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. 64 p.

FREIRE, Paulo. **Entrevista com Paulo Freire**. [Entrevista concedida a] Nilcéa Lemos Pelandré. EJA em debate / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, n. 1000, ano 3, n. 4, p. 13–27, jul. 2014. Florianópolis: IFSC, 2014.

LACOSTE, Yves. **A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988. 263 p.

MANTOAN, Maria T. Eglér. Educação para todos: desafios, ações, perspectivas da inclusão nas escolas brasileiras. **Rev. Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas (SP), v. 1, n. 3, p. 1-9, jun. 2000. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10633/ssoar-etd-2000-3-mantoan-educacao_para_todos_desafios.pdf?sequence=1. Acesso em: 3 nov. 2019.

MANTOAN, Maria T. Eglér. Por uma Escola para Todos. **LEPED/Unicamp**. [S./l.], [entre 1990-2010]. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.13.htm>. Acesso em: 28 out. 2019.

MARTINS, Rosa Elisabete Wypyczynski. A trajetória da geografia e o seu ensino no século XXI. *In*: Ivaine Maria Tonini *et al.* (org.). **O ensino de geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2014. p. 61-76.

SANTOS, Manoela da Silva. **A Escola do passado e a Escola do Futuro**. 2013. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/4614/1/MANOELA%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

SHIROMA, Eneida O. *et al.* A tragédia docente e suas faces. *In*: EVANGELISTA, Olinda; SEKI, Allan K. (org.). **Formação de professores no Brasil: Leituras a contrapelo**. Araraquara [SP]: Junqueira & Marin, 2017. p. 17-58.